

O amor pedofílico à luz do discurso de Platão: O *Banquete* e sua busca por uma definição do Eros: Vulgar ou Celeste.

Paulo Roberto da Silva¹

RESUMO

O trabalho tem por finalidade evidenciar em qual dos Eros o amor pedofílico se encaixa, ficando explícito que para a visão do praticante do amor, o seu Eros é voltado para o amor puro, educador, sem medidas e muito menos prejudicial; porém sob à luz do discurso de o *Banquete* de Platão, torna-se claro que tal amor é mais voltado para o amor popular, ou seja, o Eros Vulgar. Portanto, definimos o amor pedofílico composto pelo Eros Vulgar em todas as suas dimensões e também concluímos que de forma ilusória o praticante do amor pedofílico, utiliza do Eros Celeste de forma ilusória e errônea, como meio de justificação.

Palavras-chaves: Pedofilia, Amor pedofílico, Eros Celeste, Eros Vulgar.

Sumário

Sumário: 1. Introdução 2. Aristocles “O Platão” 3. Pedofilia e suas visões. 4. O Amor pedofílico como Eros Vulgar. 5. Eros Celeste como solução para o amor pedofílico. 6. Conclusão. 7. Referências.

¹ Aluno do 1º semestre do Curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade de Lorena. E-mail: probertinho12@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho está baseado no pensamento do filósofo Platão, especificamente, na obra *O Banquete*. Tal obra retrata um discurso de amigos sobre o Amor. Partindo dessa ótica, utilizaremos o discurso de Pausânias que divide o Eros em dois: o Eros Vulgar, também chamado de Pândemia, e o Eros Celeste, chamado como Urânia.

O Eros Vulgar faz-se referência ao amor popular, preso ao corpo, sendo este ligado à aparência, já o Eros celeste é a contemplação do verdadeiro amor, algo mais transcendente e sem interesses, no qual se pauta no bem comum e na justiça, sendo este o mais belo.

Este artigo abordará, inicialmente, a vida do autor utilizado como referência e sua contribuição para com a filosofia, bem como abordaremos também a pedofilia e todas as suas visões, trazendo o seu contexto histórico, médico e jurídico. Tal abordagem possibilita, aos leitores, um maior entendimento sobre o assunto a ser tratado, bem como, dá sinais sobre as preferências do amor pedofílico, o qual será abordado.

Como dito anteriormente, o artigo abordará o amor pedofílico e sua busca por um verdadeiro Eros: o Vulgar ou o Celeste. Para isso, foi-se utilizado argumentos do autor, bem como, de outros autores de diversas áreas como: filosofia, direito, história e psicologia, com a finalidade de evidenciar o amor pedofílico com suas características e anseios para um único e verdadeiro amor, no qual pauta-se pela busca e satisfação doentia dos seus desejos.

No entanto, é abordado também o Eros Celeste como o verdadeiro e único amor, apresentado pelo praticante do amor pedofílico, como justificativa para as suas atitudes, sendo este a motivação maior dos seus desejos e práticas.

Por fim, este artigo é norteado pelo seguinte questionamento: Em qual Eros o amor pedofílico se encontra e é composto, na visão social? E na visão do praticante do amor pedofílico, em que consiste seu amor, no vulgar ou no celeste?

1. ARISTOCLES, O “PLATÃO”

Aristocles, filho de *Ariston* (pai) e *Perictiona* (mãe), tinha como irmãos *Glaucon* e *Adimanto*, e depois uma irmã *Potona*. Nasceu em Atenas, por volta de 428 -7 (quatrocentos e vinte oito) a.C., e ganhara o apelido de “Platão” de seu professor de educação física devido à largura de seus ombros.

[...] Essas datas são bastante significativas: seu nascimento ocorreu no ano seguinte ao da morte de Péricles; seu falecimento deu-se dez anos antes da batalha de Queroneia, que assegurou a Filipe da Macedônia a conquista do mundo grego. A vida de Platão transcorreu, portanto, entre a fase áurea da democracia ateniense e o final do período helênico: sua obra filosófica representará, em vários aspectos, a expansão de um pensamento alimentado pelo clima de liberdade e de apogeu político. (PLATÃO, 1999, p.9).

Platão, assim, conhecido pertencia a uma família nobre, na qual era ligada a mais alta aristocracia da *polis* de Atenas; teve uma educação qualificada, devido a sua posição social, estudando matemática, música, poesia e filosofia.

Outrora na minha juventude experimentei o que tantos jovens experimentaram. Tinha o projeto de, no dia em que pudesse dispor de mim próprio, imediatamente intervir na política. (PLATÃO, 1999, p.05).

Platão ingressou no meio político devido à pólis, tendo em vista que “[...] a vida cultural da Grécia antiga desenvolveu-se estreitamente vinculada aos acontecimentos da cidade-Estado [...]”. (PLATÃO, 1999, p.05).

A própria dimensão da cidade-Estado impunha, de saída, grande solidariedade entre seus habitantes, facilitando a ação coercitiva dos padrões de conduta; ao mesmo tempo, propiciava à pólis o desenvolvimento de uma fisionomia particular, incondundível, que era o orgulho e o patrimônio comum de seus cidadãos. O fenômeno geográfico e o político associavam-se de tal modo que, na língua grega, pólis era, ao mesmo tempo, uma expressão geográfica e uma expressão política, designando tanto o lugar da cidade quanto a população submetido à mesma soberania. Compreende-se, assim, porque um grego antigo pensava em si mesmo antes de tudo como um cidadão ou como um “animal Político”. (PLATÃO, 1999, p.05).

Como afirmado acima, os gregos eram difundidos na realidade da pólis, tornando-se dela um cidadão, no qual viviam para ela com todas as suas dimensões.

Já na filosofia, Platão ingressou na juventude, onde teria conhecido Crátilo, que adotava as ideias de Heráclito, recebendo os seus primeiros ensinamentos. Durante a sua mocidade, Platão tem um encontro com Sócrates, sendo este fundamental para a construção do pensamento filosófico; permitindo-lhe “[...] sentir a necessidade de fundamentar qualquer atividade em conceitos claros e seguros”. (PLATÃO, 1999, p.10). Sendo por intermédio de Sócrates, que Platão faz da política o “[...] primado da verdade, da ciência”. (PLATÃO, 1999, p.10).

Se o interesse de Platão foi inicialmente dirigido para a política, através da influência de Sócrates ele reconhece que o importante não era fazer política, qualquer política, mas política. Por isso é que justamente se recusa a participar, na mocidade de atividades políticas: primeiro tem de encontrar os fundamentos teóricos da ação política – e de toda ação – para orientá-lo retamente. A filosofia para Platão representou, assim, de início, a ação entravada, a que se renuncia apenas para poder vir a ser realizada com plenitude de consciência . (PLATÃO,1999, p.10-11).

Após a morte de Sócrates e descontentado com o plano político da pólis, frente à democracia, Platão viaja, tendo experiências fundamentais que seriam retradadas em suas obras.

Depois da morte de Sócrates, disperso o núcleo que se congregara em torno do mestre, Platão viaja. Visita Megara [...] Vai ao sul da Itália (Magna Grécia), onde convive com Arquitas de Tarento, O famoso matemático e político pitagórico dá-lhe um exemplo vivo de sábio-governante, que ele depois apontará, em *A República*, como solução ideal para os problemas políticos. [...] Nessa época Platão compõe seus primeiros Diálogos, geralmente chamados “diálogos socráticos”, pois tem em Sócrates a personagem central. (PLATÃO, 1999, p.11).

Por volta de 387 (trezentos e oitenta e sete) a.C., Platão funda, em Atenas, a sua Academia, sua própria escola filosófica e científica, tornando-se um grande acontecimento para época, tendo em vista, que ele seria o primeiro a

dirigir uma instituição. (PLATÃO, 1999). A Academia tinha como principal inspiração a busca da “[...] inquietação, reformulação permanente e multiplicação das vias de abordagem dos problemas, a filosofia sendo fundamentalmente filosofar – esforço para pensar mais profunda e claramente”. (PLATÃO, 1999, p.12). Nesse mesmo período, surge uma outra escola, a de Isócrates, a qual tem por fundamento a corrente sofista, pretendendo educar pelos recursos da retórica, tendo em vista que a política democrática se faz através de bons argumentos persuasivos. (PLATÃO, 1999).

Mediante a tal realidade política e educacional – a presença dos sofistas (Isócrates) – Platão define que a política não se define só na prática, mas deve propor um aprofundamento frente à conduta humana.

Porém, suas bases últimas não se limitaram ao plano psicológico e ético: os fundamentos da ação requerem uma explicação global da realidade, na qual aquela conduta se desenrola. Depois de suas viagens, quando frequentou centros pitagóricos de pesquisa científica, Platão via na matemática a promessa de um caminho que ultrapassaria as aporias socráticas – as perguntas que Sócrates fazia, mas afinal deixava sem respostas – e conduziria à certeza. A educação deveria, em última instância, basear-se numa *episteme* (ciência) e ultrapassar o plano instável da opinião (*doxa*). E a política poderia deixar de ser o jogo fortuito de ações motivadas por interesses nem sempre claros e frequentemente pouco dignos, para se transformar numa ação iluminada pela verdade e um gesto criador de harmonia, justiça e beleza. (PLATÃO, 1999, p.13).

Frente a todos os questionamentos e estudos, Platão perdura vinte anos dedicando-se à composição de suas obras. Nesse período, sob forte influência da escola pitagórica, escreve as obras de transição, as quais passam a ter um pensamento próprio, desligando-se das ideias de Sócrates. Começa-se aqui, “[...] a partir da nova solução para o problema do conhecimento, representada pela doutrina das *ideias*: formas incorpóreas e transcendentais que seriam os modelos dos objetos sensíveis”. (PLATÃO, 1999, p.13).

Nesse período, Platão escreve a obra em estudo, *O Banquete*, no qual busca, afirmar a importância do amor para uma sociedade fragilizada e desorganizada, como nos afirma Santos:

[...] Para Platão, numa sociedade enferma, só um grupo de homens bons e sãos e com ideias idênticas, é capaz, através de suas discussões e filosofia, buscar a verdade e encontrar soluções para tal

enfermidade e só através do Amor, o homem se organiza, tem sentimentos e desejos de estar bem consigo mesmo e com seus pares. (2012, p.02).

Por fim, a obra em questão buscará dar uma compreensão da totalidade do amor – Eros – partindo de sua particularidade (corpo) até a sua totalidade, guiando-se na razão, em busca de uma essência verdadeira, e não de sentidos e aparências.

2 PEDOFILIA E SUAS VISÕES

Pedofilia é uma doença de distúrbio e conduta sexual, no qual o indivíduo adulto sente atração sexual por crianças (meninos e meninas), que geralmente encontram-se na fase pré-púberes, ou seja, não atingiram a puberdade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde. (MPF, 2016).

Pedofilia é um distúrbio de conduta sexual, onde o indivíduo adulto sente desejo compulsivo, e caráter homossexual (quando envolve meninos) ou heterossexual (quando envolve meninas), por crianças ou pré-adolescentes (...) este distúrbio ocorre na maioria dos casos em homens de personalidade tímida, que se sentem impotentes e incapazes de obter satisfação sexual com mulheres adultas. Muitos casos são de homens casados, insatisfeitos sexualmente. Geralmente são portadores de distúrbios emocionais que dificultam um relacionamento sexual saudável com suas esposas. (NOGUEIRA, 2003).

Visando uma maior abordagem sobre o assunto de pesquisa, abordaremos abaixo a pedofilia em seus aspectos históricos, médicos e jurídicos, levando-nos a uma maior reflexão e compreensão sobre o tema, tendo em vista que o assunto é amplo e complexo.

2.1 PEDOFILIA E SUA VISÃO HISTÓRICA

A pedofilia tem suas origens na Grécia Antiga. Na etimologia, a palavra é composta por *paidos*, “[...] significa criança ou infante e *philia*, que significa amor ou amizade”. (LOPES, 2011, p.13.); tornando-se assim uma amante de crianças. Nas primeiras civilizações, o relacionamento com crianças e pessoas do mesmo sexo era comum, tendo como “[...] objetivo a educação do jovem, a

sua preparação para a vida adulta e a contemplação do Amor que só entre os homens poderia ser conhecido [...]”. (SOUSA, 2006); sendo conhecida como pederastia.

Oriunda do grego “*Paidierastia*”, que é a junção de outras duas expressões gregas – *paîs* (“criança”) e *erân* (“amar”) - o termo pederastia, de acordo com as pesquisas historiográficas atuais, denotava na Atenas do período clássico o sentido educativo, sendo a combinação do processo preparatório do futuro cidadão ateniense, com o amor metafísico só conhecido entre os homens. É importante salientar que os povos gregos não encaravam todos de maneira uniforme a pederastia, e que foi em Atenas que ela assumiu com maior esmero um papel ativo na formação social de seus cidadãos. A origem da pederastia é bem anterior ao período clássico, abrangendo quase toda a Grécia e sua história. Contudo, foi em Atenas que sua mais singular forma foi alcançada, devido ao valor que tal método obteve no seio da sociedade. Não há uma resposta definitiva na historiografia acerca da origem da pederastia, mas a tese mais aceita é a de que ela tenha se originado no estado militar dos dóricos e que tenha se difundido pelo mundo grego através da influência dórica. (SOUSA, 2006).

Vale-nos ressaltar que durante muito tempo houve a “pedofilia” – pederastia em nossa história. Durante o Império Romano, “[...] o uso de menores para a satisfação sexual de adultos foi um costume tolerado”. (CONTI, 2006 apud LOPES, 2011, p.15). Saindo um pouco da Grécia antiga, há também indícios que no Império chinês, o costume de vender crianças para pederastas, durou milênios; como também no mundo islâmico e entre outros. (CONTI, 2006 apud LOPES, 2011, p.15).

Já no século XXI, como cita Matilde Carone Slaibi Conti, os poetas provençais substituíram o modelo do efebo, popular durante a antiguidade, pela figura da musa adolescente e quase andrógina. O ideal de beleza feminina durante a Idade Média e o Renascimento era praticamente infantil: maçãs dos rostos salientes, longos cabelos louros e atitude displicente. A conduta pedofilia foi praticada por diversos famosos da história, todavia, o escritor do livro Alice no País das Maravilhas, Lewis Carrol, foi um dos mais famosos pedófilos da antiguidade. (CONTI, 2006 apud LOPES, 2011, p.15).

É preciso evidenciar que a pederastia não pode ser confundida com o homossexualismo atual, pois em Atenas, entre os séculos IV e V a.C., a prática sexual entre homens ocorria com frequência, porém, há algumas peculiaridades; “[...] em hipótese alguma os envolvidos poderiam denotar

alguma feminilidade, recusar sua masculinidade, travestir-se ou comportar-se como uma mulher [...]”. (SOUSA, 2006), pois estariam negando a sua posição frente à sociedade, bem como, os seus direitos e cidadania, “[...] não teriam condições, segundo o pensamento da época, de exercerem plenamente sua cidadania”. (SOUSA, 2006).

A relação pederástica encontrava apoio tanto na opinião popular quanto em leis regidas pelo Estado. Era valorizada pela cultura local que a registrava das mais diversas formas, seja através da literatura, das cerâmicas ou da filosofia. Apesar de tal naturalidade, o amor pederasta despertou inúmeras discussões e uma preocupação moral que regiam regras e moldes para tal relação, a fim de que as mesmas não perdessem seu caráter legítimo. (FOUCAULT, 1994 apud SOUSA, 2006).

A pedofilia e suas características estão encarnadas em nossa origem histórica, tornando-se evidente que em um determinado período da nossa história, as práticas pedofílicas eram culturais e permitidas. Elas estão presentes nas entrelinhas de nossa cultura, que mal sabemos. Ao pegarmos, por exemplo, a obra literária *Alice no País das Maravilhas*, não pensamos que por detrás dessa história, há características próprias de um pedófilo atual, ou ainda, o romance *Lolita*, do russo Vladimir Nabokov, no qual escandalizou o mundo, ao contar a história do padrasto e da adolescente Dolores Haze .(CONTI, 2006 apud LOPES, 2011, p.16).

Matilde Carone Slaibi Conti apud Leandro Sarmatz, este afirma que em 1955, no romance “*Lolita*”, do russo Vladimir Nabokov, escandalizou o mundo ao contar a história do padrasto da adolescente Dolores Haze, cujo apelido Lolita logo serviu para definir as meninas que hipnotizam os homens mais velhos tratando-os com estudada displicência. Nesse mesmo romance, surgiu a palavra ninfeta, definida para garotas com idade que variam de 9 (nove) a 14 (quatorze) anos e encantam os homens com sua natureza nínfica, isto é, demoníaca, apesar de outros acharem que se trata de uma sexualidade exacerbada da menina.

Cumpramos ressaltar que esses casos ora mencionados, contribuíram para a origem da pedofilia. Além disso, houve diversos casos que propagaram esta prática até os dias de hoje, como por exemplo, envolvimento de homens da alta sociedade com menores, práticas sexuais de padres com crianças, entre outros. (CONTI, 2006 apud LOPES, 2011, p.16).

2.2 PEDOFILIA E SUA VISÃO MÉDICA

Tendo conhecimento sobre o aspecto histórico da prática sexual com crianças e jovens (pedofilia atual), devemos também adentrar em sua classificação científica enquanto medicina. A pedofilia classifica-se como **parafilias**. Segundo, o psiquiatra, Paulo Roberto Repsold, parafilias são “[...] preferências sexuais anormais e doentias, no sentido de bizarras a pervertidas, que a pessoa ao longo da vida desenvolve de forma lenta e gradual”. (MONTEIRO, 2014); e ainda se caracteriza em “[...] uma perversão sexual que envolve fantasias sexuais da primeira infância abrigadas no complexo de Édipo, período de intensa ambivalência das crianças com os pais [...]”. (HISGAIL, 2007 apud CASTRO; BULAWSKI, 2011, p.6).

No que tange à saúde, as parafilias são consideradas alterações do comportamento sexual, caracterizadas por fantasias sexuais específicas, necessidades e práticas sexuais repetitivas e angustiantes ao indivíduo que comumente lhe causam sofrimento. E toda parafilia é doença. (MONTEIRO, 2014).

Sabendo um pouco sobre as parafilias, devemos também conhecer algumas de suas categorias, sendo elas:

- ✓ **Pedofilia:** homens/mulheres que têm preferência sexual por meninos e meninas (crianças), geralmente na fase pré-púberes, ou seja, que não atingiram a puberdade.
- ✓ **Exibicionismo:** frequente desejo em exhibir os órgãos sexuais.
- ✓ **Fetichismo:** prazer sexual com utilização de “[...] objetos inanimados pelo próprio indivíduo (roupas íntimas e sapatos femininos)”. (MONTEIRO, 2014).
- ✓ **Masoquismo:** obtenção de satisfação pelo sofrimento. (MONTEIRO, 2014).
- ✓ **Sadismo:** prazer com o sofrimento do outro. (Michaelis, 2016).
- ✓ **Voyeurismo:** “[...] obtém prazer observando, à distância as pessoas despirem-se ou envolvidas em atividade sexual”. (MONTEIRO, 2014).
- ✓ **Frotteurismo ou Frottage:** prazer que “[...] envolve tocar e esfregar-se em uma pessoa sem seu consentimento”. (PSINET, 2012).
- ✓ **Transtorno transvético:** prazer em vestir roupas do gênero oposto.
- ✓ **Zoofilia:** relacionamento prazeroso com animais.
- ✓ **Urofilia:** “[...] excitação ao urinar no parceiro ou receber dele jato

urinário, ingerindo-o ou não [...]”. (MONTEIRO, 2014).

✓ **Necrofilia:** prazer em ter relações sexuais com cadáveres.

✓ **Coprofilia:** “[...] fetiche pela manipulação de fezes, próprias ou do parceiro [...]”. (MONTEIRO, 2014).

2.3 PEDOFILIA E SUA VISÃO JURÍDICA

Segundo o código penal brasileiro, é considerado crime “[...] a relação sexual ou ato libidinoso (todo ato de satisfação do desejo, ou apetite sexual da pessoa) praticado por adulto com criança ou adolescente menor de 14 anos”. (MPF, 2016); e ainda pelo Estatuto da Criança e do Adolescente é inclusive crime todo ato de “[...] adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornografia envolvendo criança ou adolescente”. (MPF, 2016).

3 AMOR PEDOFÍLICO COMO EROS VULGAR

O amor pedofílico de forma definitiva é o próprio Eros Vulgar ou o Amor de Afrodite Pandêmia, apresentado por Pausânias no discurso de Platão, *O Banquete*, apresenta-nos características e peculiaridades semelhantes ao objeto de estudo.

Inicialmente, vale-nos ressaltar que em um determinado período da história, a pederastia, ou seja, a relação de homens experientes com meninos sofreu um grande declínio moral e ético. Platão ao escrever o discurso *O Banquete*, refere-se à decadência moral dos pederastas em meio à sociedade ateniense; tendo em vista que estavam utilizando mais o Eros Vulgar do que o Eros Celeste. Os pederastas tinham como função preparar e inserir os jovens de forma pedagógica na sociedade ateniense para que pudessem usufruir de todos os seus direitos e deveres como cidadão. (SOUSA, 2006).

De acordo com Donaldo Schüller, em *Eros: dialética e retórica*, as relações pederásticas eram realizadas pelo erasta, que na obra platônica na maioria das vezes é traduzido por amante, e pelo erômeno, o amado (SCHÜLLER, 2001, p.17). O erasta era um cidadão com papel ativo na sociedade, geralmente com mais de 30 anos, homem experiente e que sentia brotar em si uma vocação pedagógica ao tornar-se mestre de seu amado. O erômeno era um jovem de idade variante entre 12 e 18 anos, filho de cidadão, que

tinha o direito de “escolher” o mestre que o formaria, já que cabia ao erômeno aceitar ou não o convite do seu erasta. Deve-se elucidar que as relações pederásticas ocorriam somente entre os cidadãos e futuros cidadãos de Atenas, os eupátridas; mulheres, metecos e escravos não participavam de tal processo e que “cidadãos” no período clássico eram considerados apenas os homens nascidos em Atenas e filhos de pais provenientes de famílias atenienses. (SOUSA, 2006).

Durante a formação do homem grego, como dito anteriormente, a pederastia houve um declínio, tendo em vista que seus praticantes “[...] haviam perdido a preocupação com a moral e a ética necessárias ao bom desenvolvimento desta relação e se rendido aos prazeres corpo”. (SOUSA, 2006).

A função pedagógica da pederastia ofuscou-se diante do contato meramente sexual, inquietando aqueles que acreditavam no papel de formação desempenhado pelas relações entre erastas e erômenos. Platão, filósofo e defensor da moral pederástica, escreve *O Banquete* como forma de orientar a juventude de como deveria ser a relação entre erastas e erômenos. Os filósofos observam a sociedade e buscam refletir sobre a mesma. (SOUSA, 2006).

Ao pegarmos o contexto apresentado e discursado por Pausânias, definimos que os pederastas, davam os primeiros sinais do pedofilismo. Sendo assim possível, afirmarmos que o amor pedofílico é plenamente composto pelo Eros Vulgar, apresentado no discurso de Pausânias.

O Eros Vulgar é “[...] realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma [...]”. (PLATAO, 1966, p.108); tornando-se assim, uma das principais características do amor pedofílico, o qual consiste na busca pela satisfação insistente e doentia de suas necessidades sexuais, ou seja, na valorização do corpo.

Pausânias critica a Fedro, não acredita que o deus é único e fundamenta-se em um ideal da relação erótica, que se afirma em duas naturezas: *Eros Pândemos* e o *Eros Urânios*, feminino e masculino, sendo o primeiro vulgar que é para mera satisfação sexual, um amor vil sem sentimento, a busca do belo aparente, esta presente no mundo da traição, do ciúme. Este desorganiza o estado baseado na paixão e não na razão. (SANTOS, 2012, p.14).

Mathilde Conti, pós-doutorada em Direito, nos afirma que “[...] a

necessidade sexual do homem e do animal é de cunho biológico tão forte que pode ser comparada à necessidade básica de alimentação. Entretanto, algumas pessoas estabelecem formas particulares e até mesmo doentias de satisfação dessa necessidade”. (2008, p.28); tal característica é inerente ao pedófilo, no qual busca sobre todas as medidas suprir essa “fome”, e saciar os anseios sexuais, não refletindo nas possíveis perturbações causadas às crianças ou adolescentes, visando somente satisfazer o seu “amor”.

Foi-se evidenciado outro aspecto entre ambos os amores, o **alvo** desse amor. Ambos o amor pedofílico como os praticantes do Eros Vulgar, procuram o mesmo perfil, pessoas nas quais estão iniciando a vida, sendo-as vulneráveis e inexperientes.

A condição necessária para despertar o interesse do pedófilo é a criança em seu estatuto de anjo, ou seja, a criança que ainda não se definiu quanto a seu sexo. Em outras palavras, a criança em seu estado de pura inocência quanto às coisas do sexo [...]. (JUNGES, 2010).

Logo, afirma-nos Platão, que o amor vulgar (Eros Vulgar) ou amor de Afrodite Pandêmia, ama os mais desprovidos de inteligência, tendo “[...] mira apenas no efetuar o ato, sem preocupar-se se é decentemente ou não; daí resulta então que eles fazem o que lhes ocorre, tanto o que é bom como o seu contrário”. (1966, p.108).

As crianças e os pré-púberes são os principais alvos do pedófilo, pois apresentam um maior grau de vulnerabilidade, e, muitas vezes, falta de confiança, tendo em vista o abandono por parte dos pais; tornando-se assim, presas fáceis, de modo que passo a passo, o pedófilo procura ocupar o vazio presente, fazendo com que ela se sinta amada e especial, ganhando assim, a inteira confiança, para posteriormente realizar o ato. (BARBOSA, 2014).

Sobre o tema, grifa Matilde Conti, citando Paulo Cunha Pereira, que “Freud classificou a pedofilia como sendo a perversão dos indivíduos fracos e impotentes”. Por se tratar de uma pessoa sexualmente inibida, o agente tende a escolher como parceiro uma pessoa vulnerável, possuindo sobre ela uma ilusão de potência. (CONTI, 2008 apud CASTRO; BULAWSKI, 2011, p. 8).

Atendo-se as causas sofridas e utilizando-se do discurso de Pausânias no

qual o Eros Vulgar não se preocupa com as consequências e sim com o ato, o amor pedofílico navega pela mesma corrente, não sente remorso, nem culpa pela prática de seus atos. (TRINDADE, 2010).

Por isso se segue o entendimento até dos profissionais da área de saúde, psiquiatras e psicólogos, que o indivíduo portador de distúrbios pedofílicos possui total ciência do ato ilícito do qual pratica. Afirma-se também que eles não sentem e não apresentam qualquer tipo de remorso ou culpa por tais práticas, pelo contrário, apresentam um comportamento frio. (BARBOSA, 2014).

Cabe-nos ressaltar que inúmeras são as consequências às vítimas desse amor doentio, Trindade (2010, p.82), nos enumera algumas delas:

- ✓ Apresentam condutas sexualizadas;
- ✓ Conhecimento atípico sobre sexo;
- ✓ Sentimentos estigmatizados;
- ✓ Isolamento e hostilidade;
- ✓ Medo, desconfiança, baixa autoestima e sentimento de culpa e fracasso;
- ✓ Dificuldades escolares;
- ✓ Precocidade sexual e transtornos de estresse pós-traumático;
- ✓ Dificuldades relacionais (pais e filhos); e
- ✓ Ansiedade, tensão, distúrbios alimentares e etc.

Outro aspecto semelhante aos mencionados acima, seria que os pederastas que se utilizam do Eros Vulgar, são homens experientes, não diferentemente dos pedófilos, os quais também em sua maioria são homens com aproximadamente a mesma faixa etária.

Segundo as estatísticas, em média, o pedófilo tem o seguinte perfil: é homem branco, profissional, de classe média alta, sem antecedentes criminais, na faixa dos 25 a 45 anos, aparenta ser uma pessoa normal no meio profissional e na sociedade em que vive, razão pela qual, quando descoberto, ocasiona inicialmente uma reação de incredibilidade. Costuma ser uma pessoa acima de qualquer suspeita aos olhos da sociedade, o que facilita a sua atuação. Geralmente ele não pratica atos de violência física contra a criança. Age de forma sedutora, conquistando a confiança da criança. Mas pode tornar-se violento e até matar suas vítimas. (MOREIRA, 2005 apud LOPES, 2011, p.20).

Muitos dos pedófilos utilizam da aparência para aliciar suas vítimas, apresentam-se como “[...] charmosos, simpáticos, compreensivos, úteis,

atenciosos, afetivos, disponíveis emocionalmente e voltados para crianças e amigáveis com elas”. (TRINDADE, 2010, p. 25-26), sendo capazes de introduzirem nos seios familiares de suas vítimas, iludindo-as e passando confiança.

Aquele que sente “amor por crianças” aproxima-se do âmbito familiar do menor fazendo um estudo dos pontos considerados vulneráveis por ele daquele grupo, para, posteriormente, iniciar uma relação supostamente amigável com a criança que parece ser, psicologicamente, mais suscetível a sofrer interferência persuasiva, com a finalidade de cometer o ato ilícito do abuso sexual. (BARBOSA, 2014).

Assim também são os pedófilos, os quais apresentam características de pessoas normais e amigáveis, costumam ser pessoas acima de quaisquer suspeitas aos olhos da sociedade, facilitando assim, a sua atuação e ocultando bem a sua personalidade. (MOREIRA, 2010 apud LOPES, 2011, p.20).

Aqueles indivíduos que sentem “amor por crianças”, costumam transparecer simpatia, ter carinho por elas e estarem sempre dispostos a dar a devida atenção de que os menores necessitam, por isso estão sempre envolvidos de crianças, analisando seus comportamentos, para, na melhor ocasião, praticarem o crime de abuso sexual. (BARBOSA, 2014).

Os pedófilos, em sua grande maioria, são farsas para a sociedade, cabe-nos fazer uma alusão, são, verdadeiramente, “lobos em pele de cordeiros”; utilizam-se de grandes mentiras para o aliciamento de suas vítimas. Não existe um perfil exclusivo que possa descrever o pedofílico, mas há indícios. Por fim, não diferente do Eros Vulgar, o amor pedofílico age não se preocupando com seus atos, não se preocupa se é decentemente bom ou o seu contrário. (PLATÃO, 1966).

De um modo geral, os abusadores sexuais costumam ser criativos ao desenvolver estratégias de atuação e de evitação. São habilidosos em acusar a própria vítima, em elaborar manobras de sedução, em construir alegações de circunstâncias especiais de justificação, em invocar falso remorso, em inverter a situação ou em produzir confrontações benéficas, artimanhas ou chantagens do tipo emocional, de culpabilização da vítima, de rechaço familiar, de estigmatização social e, em muitos casos, de ameaça física. (TRINDADE, 2010, p.27).

Por fim, Eros Vulgar e amor pedofílico são acoplados, o que os distinguem são somente o período estudado, porém suas ideologias e motivações são semelhantes.

Por fim, utilizo do discurso de Sócrates, que nos diz que o amor é algo almejado por todos, por ser assim, certamente nos falta (PLATÃO, 1966); assim, também é o amante pedofílico do Eros Vulgar, ama sem amar, pois de fato nunca foi amado, pois através do objeto do amor pedofílico ele busca resgatar o amor que nunca teve enquanto infante.

4 AMOR PEDOFÍLICO COMO EROS CELESTE

De forma ilusória e erônea, o amor pedofílico é caracterizado por seus amantes como um amor puro e pedagógico, aquele que busca a essência e não as aparências, características que nos levam a um verdadeiro amor belo e justo, chamado de Eros Celeste. Porém, em sua verdadeira origem o amor pedofílico deseja uma “[...] satisfação sexual, um amor vil sem sentimento, na busca do belo aparente [...]”. (SANTOS, 2012, p.14).

Para que o Eros Celeste apresentado no amor pedofílico torne-se de fato real, deveria, na prática ser um amor sem interesses e puro; fazendo-se necessário ser divino e impulsionado para o bem servir de quem se ama; um amor que fosse nobre e estável. (CAVALCANTE, 1991 apud SANTOS, 2012, p. 14), sem impulsionalidades e desequilíbrios, movendo-se, puramente, pela realização do crescimento do amado (criança), tal como os pais o fazem.

Movidos pelo desejo doentio e por incoerência, muitos se utilizam desse aspecto e enfatizam que agem movidos por um sentimento de paternidade, pelo qual buscam proteger e amar; ou até mesmo, agem como pedagogo, tendo como missão ensinar a vida sexual à criança e inseri-la nesta vida, assim, como os pederastas. Porém, como apresentado no capítulo anterior, os amantes do amor pedofílico, ludibriam seus amados para obterem a satisfação e realização de seus desejos sexuais.

[...] pedófilo parece estar convencido do que seja o verdadeiro amor paterno e, por isso, é alguém que sinceramente se dedica a querer fazer o bem à criança por meio de relações sensuais, amorosas e sexuais. Mostra-se, geralmente, o melhor educador, contrapondo-se

aos costumes rígidos e frios da família, difundindo uma paixão que exige reciprocidade ao propor uma função paterna e educativa fundada na idealização da pulsão, mais do que na idealização do desejo. Enfim, o pedófilo acredita que a iniciação da criança no gozo é de importância capital. (JUNGES, 2010).

Vale-nos ressaltar que o amor pedofílico apresenta marcas de intolerância e individualismo, partindo do ponto, de que o amante pensa somente em si, não se preocupando se esse “amor” é decente, justo, belo e bom; fugindo novamente do verdadeiro Eros Celeste.

O que há, porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feio. Ora, é indecentemente quando é a um mau e de modo mau que se aquiesce, e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. (PLATÃO, 1966, p.113).

Evidenciando ainda mais essas marcas e características próprias do amor pedofílico, notamos que o Eros Celeste é um amor isento de violência, no qual se afeiçoa a inteligência. (PLATÃO, 1966). Partindo desse princípio de que não seja violento, podemos comparar com outra escritora quando nos esclarece que tal violência, refere-se à “[...] apropriação do corpo do outro como obtenção do prazer sexual”. (SOUSA, 2006). Agora, perguntemo-nos: o amor pedofílico apropria-se do corpo do outro para a obtenção do seu prazer sexual?

Adiantar-nos-ia responder quando o item anterior nos dá inteiramente a resposta. Torna evidente que as justificativas para o amor pedofílico nem sequer passam perto do Eros Celeste, pois não se preocupa em oferecer conhecimento, mas sim sequelas e cicatrizes incertas para os seus amados. Para que o amor pedofílico, fosse caracterizado como Eros Celeste, deveria estar situado no princípio da justiça e da beleza transcendental, a qual presa pelo bem comum e pela liberdade de seus amados.

Por sua vez, o amor pedofílico caracteriza-se como perversão, cabendo à lei (justiça), dar limites de sua atuação, estabelecendo uma condenação para com as práticas abusivas. Torna-se claro, que o amor pedofílico viola a liberdade e as garantias da infância, estabelecido por lei através do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Fala-se em violação da liberdade sexual quando há abuso contra a criança em razão da total ausência de eleição sexual por sua parte, mesmo que a prática se dê sem violência ou grave ameaça. É por assim entender que o nosso legislador constituinte inseriu o art. 227, § 4º, o qual descreve que a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente, papel que coube ao Estatuto da Criança e do Adolescente. (CASTRO; BULAWSKI, 2016, p.11).

A utilização da justiça como premissa primordial no Eros Celeste é evidente, pois através dela é que se ponderam as atitudes, obtendo clareza do bem comum. Platão em sua obra, também ressalta a importância de leis que prevenissem os meninos (crianças) das práticas abusivas dos amantes do Eros Vulgar, quando nos afirma:

Seria preciso haver uma lei proibindo que se amassem os meninos, a fim de que não se perdesse na incerteza tanto esforço; pois é na verdade incerto o destino dos meninos, a que ponto do vício ou da virtude eles chegam em seu corpo e sua alma. Ora, se os bons amantes a si mesmos se impõem voluntariamente esta lei, devia-se também a estes amantes populares obrigá-los a lei semelhante [...]. (PLATÃO, 1966, p.109)

Através dessa citação, fica mais que evidente a devida preocupação para com a infância das crianças, e reforça ainda mais que o amor pedofílico é vulgar, tornando-se capaz de deixar lacunas abertas e pesadelos permanentes que influenciaram em toda a história da criança.

Ressaltamos que o simples fato de o amante do amor pedofílico utilizar-se do medo e da opressão para aliciar seus amados, de imediato deixa de ser justo e belo, pois contradiz ao princípio da liberdade e do amor; uma vez que o Eros Celeste, não aprisiona e nem oprime, pelo contrário promove o crescimento pessoal para o próprio amadurecimento.

Ele se aproveita da confiança que a criança deposita nele para tentar plantar na cabeça da vítima que a culpa do ato ilícito é exclusivamente dela, e que se seus genitores chegarem a descobrir o ocorrido, eles irão puni-la. Isso deixa a criança fragilizada e por temer a reação dos pais, acaba não revelando os atos libidinosos, ficando inerte a situação. (BARBOSA, 2014).

Portanto, o Eros Celeste é unicamente transcendente, visa o bem comum e o crescimento do seu amado, proporcionando conhecimento de si,

pois busca “[...] pela virtude e por se tornar melhor, a tudo ele se disporia em favor de qualquer um, e isso é ao contrário o mais de tudo assim, em tudo por tudo é belo aquiescer em vista da virtude”. (PLATÃO, 1966, p. 116); ou seja, o amante do Eros Celeste busca, acima de tudo, o verdadeiro amor capaz de transformar e edificar o amado.

Portanto, o Eros Celeste caracteriza-se transcendente, pois, não se prende à matéria que é inconstante, e sim, na essência do amor, o qual nem o tempo e nem a gravidade atingirá ou modificará. Já o amor pedofílico prende-se inteiramente ao campo material, não busca amar a não ser o corpo, e quando não lhe convir mais, buscará outro amado para a sua satisfação.

E é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. Com efeito, ao mesmo tempo que cessa o viço do corpo, que era o que ele amava, “alça ele o seu vôo”, sem respeito a muitas palavras e promessas feitas. Ao contrário, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que é constante. (PLATÃO, 1966, p.113).

Por fim, concluo dizendo que por mais que o amante do amor pedofílico composto pelo Eros Vulgar diga age em nome do Eros Celeste, estará mais uma vez ludibriando a verdade, pois age exclusivamente pela satisfação do corpo e dos seus prazeres, e não em nome do amor que agrega e acrescenta.

CONCLUSÃO

Através desse artigo, conclui-se que o amor pedofílico é unicamente composto pelo Eros Vulgar, pois apresenta muitas características semelhantes. Ressaltamos que o amor pedofílico busca em sua origem o mesmo que o amor vulgar, a satisfação do prazer através do corpo, prendendo-se à matéria.

Concluimos também que o Eros Vulgar e o amor pedofílico buscam, em sua composição, o amor aos seres mais vulneráveis, desprovidos de inteligência, tornando-se capazes de ludibriar seus amados, por suas aparências e promessas sem fundamento.

Por outro lado, concluimos também que o amante do amor pedofílico, em suas justificativas por seus delitos, idealiza o seu amor utilizando-se de características do Eros Celeste, despontando no ser amado um sentido paternal e pedagógico. Porém, foi-se revelado que tais atitudes são disfarçadas e ilusórias, tendo em vista, que sua motivação primeira é sempre a busca pela satisfação dos seus desejos.

Por fim, foi-se averiguado que o amor pedofílico nada mais busca em seus amados, além da realização dos seus desejos e a busca por um amor, utilizando-se do vulgar como artifício mais fácil e rápido. Porém, tendo em vista que nunca foi amado, faz da criança um objeto para eternizar o que lhe falta.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cecília Pinheiro. O agir pedofóbico e suas consequências. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XVII, n. 121, fev. 2014. Disponível em: <<
http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14409&revista_caderno=12>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

CASTRO, Joelíria Vey; BULAWSKI, Cláudio Maldaner. O perfil do pedófilo: Uma abordagem da realidade brasileira. Boletim IBCCRIM. **Revista Liberdades**, n. 06, artigo 03, jan. / abr. 2011. Disponível em: <
<http://www.revistaliberdades.org.br/upload/pdf/7/artigo3.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

CONTI, Matilde Carone Slaibi. **Da pedofilia: aspectos psicanalíticos, jurídicos e sociais do perverso sexual**. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

JUNGES, Márcia. O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão. **Revista do Instituto Humanista Unisinos**, Rio Grande do Sul, ISSN 1981-8793, seção 326, abr. 2010. Disponível em: <
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3152&secao=326>. Acesso em: 22 abr. 2016.

LOPES, Glaucia A. F. **Pedofilia: O consumidor do material pornográfico**. 2011. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Coordenação do Curso de Direito, Centro Universitário do Distrito Federal, Brasília, 2011.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **O que é pedofilia?**. Disponível em: <
<http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/o-que-e-pedofilia>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

MONTEIRO, Larissa. Conheça os tipos de parafilias e saiba quando as preferências sexuais doentias necessitam de intervenção clínica. **PORTAL UAI**, Curitiba, 20 jan. 2014. Saúde Plena. Disponível em: <
http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2014/01/20/noticia_saudeplena,147247/interesse-sexual-atipico-so-justifica-intervencao-clinica-quando-causa.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2016.

NOGUEIRA. Sandro D'Amato. Pedofilia pela internet – O lado negro da web. **DireitoNet**, Sorocaba, jun. 2003. Disponível em: <
<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1134/Pedofilia-pela-Internet-O-lado-negro-da-Web>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad: Victor Civita. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. **O Banquete**. Trad: J. Cavalcante de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

PSICNET. **Frotteurismo**. Disponível em: <
http://www.psicnet.psc.br/v2/site/dicionario/registro_default.asp?ID=366>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SANTOS, Maria A. **O conhecimento como Eros: uma leitura do Banquete de Platão**. 2012. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Revista Vozes do Vale, Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, n. 2, 2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-conhecimento-como-Eros-uma-leitura-de-O-Banquete-de-Plat%C3%A3o_angela_roberto.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SOUSA, Luana Neres. A Pederastia Ateniense no Período Clássico: Uma Análise de “O Banquete de Platão”. **Revista História e-história**, ISSN 1807-1783, set. 2006. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=39>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

TRINDADE, Jorge; BREIER, Ricardo. **Pedofilia – aspectos psicológicos e penais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007.